



I Encontro Semintur Jr.  
Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul  
Saberes e fazeres no turismo: Interfaces



8, 9 e 10 de julho de 2010 - Universidade de Caxias do Sul | Mestrado em Turismo | Caxias do Sul | RS | Brasil

## A RELAÇÃO ENTRE O TURISTA E A PAISAGEM NO ESPAÇO TURÍSTICO NATURAL<sup>1</sup>

Letícia Indart Franzen<sup>2</sup>

Carolina Weich<sup>3</sup>

Adriana Pisoni da Silva<sup>4</sup>

UNIFRA - Centro Universitário Franciscano/RS

**Resumo:** O trabalho de ensino e pesquisa teve como objetivo principal caracterizar a paisagem e sua formação, suas tipologias e a capacidade turística que um atrativo natural possui. É resultado de uma atividade avaliativa da disciplina de Planificação dos Espaços Urbanos. Busca-se entender a relação entre o turista e a paisagem, a maneira que o turista se relaciona com a paisagem e consegue captá-la. Identifica-se em Santa Maria um potencial de atrativos naturais e dessa forma ilustrar e exemplificar alguns conceitos através de um levantamento fotográfico da cidade.

**Palavras-chave:** Paisagem, Turista, Atrativo Natural, Santa Maria.

### 1. INTRODUÇÃO

Ao longo do processo de evolução da espécie humana pode-se perceber que o ambiente onde estavam inseridos também sofre os efeitos dessa transformação. Com o passar de centenas e centenas de anos a espécie humana foi expandindo seus domínios, transformando os espaços naturais, no que chamamos hoje, de espaços artificiais ou espaços urbanos, atualmente esses espaços convivem concomitantemente.

---

<sup>1</sup> Trabalho de Ensino e Pesquisa desenvolvido na Disciplina de Planificação de Espaços Urbanos do Curso de Turismo/UNIFRA.

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de bacharelado em Turismo do Centro Universitário Franciscanos, UNIFRA. leticiaifranzen@hotmail.com

<sup>3</sup> Acadêmica do Curso de bacharelado em Turismo do Centro Universitário Franciscanos, UNIFRA. carolweich@hotmail.com

<sup>4</sup> Graduada em Turismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1999), com Mestrado em Planejamento Urbano e Regional pela Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2006). Atualmente é professora do Curso de Turismo do Centro Universitário Franciscano - UNIFRA e Doutoranda em Extensão Rural/UFSM. [adrianapisoni@unifra.br](mailto:adrianapisoni@unifra.br)

Após a Revolução Industrial, durante o século XIX, com a separação das horas de trabalho e as horas de lazer, surge um terceiro espaço, chamado de espaço turístico, que distribui-se tanto no espaço natural, quanto no espaço urbano. Mas há uma difícil relação entre o turista e a natureza.

A urbanização excessiva faz com que as pessoas busquem os atrativos naturais como forma de desopilação, mas, em alguns casos, essa procura pode acarretar danos ao meio ambiente, como poluição, desmatamento, erosão e etc. Para que esse tipo de turista capte as informações que as paisagens transmitem é necessário que ele permaneça um determinado período de tempo, tal que, haja uma interação do turista com a paisagem.

Dessa forma, o presente estudo é uma reflexão sobre as potencialidades turísticas naturais existentes na cidade de Santa Maria e da região central do Rio Grande do Sul com o turista através de um levantamento fotográfico. Além disso, as figuras exemplificam alguns tipos de paisagens e o que ela provoca no turista.

## **2. METODOLOGIA**

A opção metodológica desse estudo é a pesquisa qualitativa, de caráter descritivo e exploratório de aspectos sócio-culturais e ambientais. De acordo com Minayo (1994, p. 21), a pesquisa qualitativa aborda um “[...] universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

Para Triviños (1987, p. 109), o estudo exploratório é aquele que:

[...] permitem ao investigador aumentar sua experiência em torno de determinado problema [...] então o pesquisador planeja um estudo exploratório para encontrar os elementos necessários que lhe permitam, em contato com determinada população obter os resultados que deseja.

Com procedimentos metodológicos percorreram-se as seguintes etapas:

- a) Revisão bibliográfica na obra Planejamento do Espaço Turístico de Roberto Boullón das categorias teóricas de: Espaço Turístico Natural, Paisagem e Turista/Visitante.
- b) Pesquisa de campo: desenvolvida através de levantamento fotográfico de algumas das paisagens da cidade de Santa Maria e Região.

c) Compilação dos dados e análise dos resultados: compreende a ordenação, a classificação dos dados e a análise final.

### **3. O ESPAÇO TURÍSTICO NATURAL**

Para Boullón o espaço turístico natural pode ser dividido em espaço natural e em espaço adaptado, “[...] é o homem quem decide onde devem nascer e quanto tempo vão viver [...]” (2002, p.78) as plantas, e espaço natural virgem, sem vestígios da ação do homem. Para que esse tipo de espaço seja considerado turístico é necessário, segundo o mesmo autor, que haja um “[...] elemento do patrimônio turístico, mais o empreendimento e a infra-estrutura turísticas [...]” (2002, p.79). A partir da composição desse espaço turístico torna-se imprescindível a presença do turista para que ele mantenha uma relação com a paisagem através da disposição dos elementos naturais. Mas qual a verdadeira importância dessa relação?

Com a vida agitada das grandes cidades a maior parte da população mundial vive correndo, com horários, metas, prazos a cumprir, mas em certos casos as pessoas acabaram não se acostumando a esse ritmo e por vezes sentem a necessidade de sair desse mundo conturbado. Dessa forma, buscam em viagens, nacionais ou internacionais, recuperar a paz e as energias que não têm em seu cotidiano. Eis que surge uma problemática: esse turista, caracterizado como urbano mantém a sua capacidade de observar os atrativos naturais por onde passou, mas na maioria das vezes é incapaz de lembrar detalhes sobre o passeio feito, ou se quer saber de que lugar é aquela foto registrada por ele mesmo. Boullón (2002) explica que isso ocorre devido ao ritmo acelerado da viagem, o que acarreta um curto espaço de tempo para a observação e também porque o turista não chegou a observar propriamente, pois a informação que o atrativo lhe transmitiu foi insuficiente. Portanto, para que o processo de comunicação entre o atrativo turístico e o turista não falhe, o turista necessita de tempo para captar os elementos da paisagem e para assimilar as informações captadas.

### **4. O TURISTA E A PAISAGEM**

A paisagem para o turista muitas vezes significa os elementos que mais se destacam por sua beleza em um ambiente, porém para Boullón (2002, p.119) “a existência de ambos os tipos de paisagem depende da presença de um observador sensível colocado diante de um ambiente natural ou de um ambiente urbano”. A mesma paisagem pode provocar diferentes reações para aqueles que a apreciam, para um visitante de um atrativo turístico ela poderá provocar uma excitação, pois é algo novo, diferente daquilo que o cerca em seu cotidiano. Para o morador dessa determinada localidade a paisagem passará despercebida, pois ela não é algo novo que desperte curiosidade. A relação anterior demonstra que a paisagem é interpretada de forma individual, ou seja, cada pessoa a analisará levando em consideração seus conceitos de beleza, feiúra, cultura, etc.

O mesmo ocorre com a definição da qualidade. As pessoas ao analisarem a qualidade de algo utilizam seu juízo de valor, aplicando seus critérios de acordo com o gosto da época em que está inserido. Segundo Boullón, no momento da avaliação dos atrativos turísticos naturais por parte do visitante existe a “[...] particularidade de não contar com os critérios ditados pela moda que condicionam a subjetividade [...]”(2002, p. 123). Essa vantagem permite que as paisagens naturais sejam tratadas de forma mais objetiva, dessa maneira, é possível analisar seus componentes, suas particularidades e suas características. Em virtude disso, é de extrema importância que o turista antes de viajar para determinado local, saiba quais os elementos da paisagem irá encontrar, ou seja, as formas de relevo, os tipos de vegetação, clima, temperatura, conheça o habitat, assim, saberá que hora é mais propícia para fazer a visita.

O turista urbano ao se deparar com a paisagem natural interpreta seus elementos, na maioria das vezes, de forma separada, Boullón (2002, p. 128) defende que:

Sem querer, o homem urbano, influenciado pelo contexto, dá aos elementos da natureza um significado diverso do que eles têm em seu meio quando se apresentam todos juntos, misturando-se e crescendo de acordo com as próprias leis.

As paisagens naturais podem diferenciar-se entre si pelos elementos que a compõe e pela posição que assumem na composição total da paisagem. Apoiado a isso, a diferença das paisagens naturais encontra-se na relação dessa com o ser que a observa. Ao referir-se ao observador Boullón (2002, p. 128) diz:

[...] na natureza as partes aparecem integradas a um conjunto, o cérebro humano, por não estar acostumado a processar informação tão complexa, capta a paisagem como um todo, mas de uma forma difusa, de tal modo que as imagens que lembra não conseguem estabelecer as diferenças e as semelhanças que lhe permitem identificar o que viu, nem mesmo nas fotografias que uma mesma pessoa tirou. Essa é a prova definitiva para demonstrar que, nesses casos, a experiência perceptiva da paisagem não deixou marcas.

No processo de planificação dos espaços turísticos o sujeito planejador também é um observador, sua atividade principal consiste em trabalhar a interpretação da paisagem para facilitar os momentos de contemplação e interpretação da paisagem pelos turistas.

## **5. A PAISAGEM E SUAS PROPRIEDADES**

A paisagem natural possui uma variedade na composição de seus elementos, onde nenhuma paisagem é igual a outra. Boullón (2002, p. 129) ressalta “[...] que existem quatro propriedades que podem facilitar sua descrição e visualização”. São elas: diversidade de componentes visuais, repetição de uma forma ou motivo natural, unidade de uma paisagem e mudança conforme as horas do dia e os dias do ano.

Boullón (2002, p. 130), classifica as paisagens em dois grupos, homogêneas e heterogêneas; para isso leva em consideração o número de componentes e suas combinações. As homogêneas, por não apresentarem uma quantidade grande de elementos diferentes é mais simples de se analisar e o turista que permanece um longo tempo a observando acaba por se cansar. As paisagens caracterizadas como heterogêneas, são compostas por uma grande diversidade de elementos e por tal motivo aumentam a curiosidade do turista, que passa mais tempo contemplando-a, mas esse turista tem dificuldade de memorizá-la.

Tendo em vista a grande variedade de tipos de paisagens, os mais variados motivos para qualificá-la e considerando que o observador pode ter alguma falha para interpretá-la é preciso utilizar alguns métodos com o objetivo de descrevê-la. Boullón (2002, p. 133) sugere então alguns fatores adequados para decifrar uma paisagem, tais como: a estrutura de distribuição das partes da paisagem, suas formas nítidas que qualificam e dão o tema da paisagem (o cone de um vulcão, por exemplo) e a diferenciação, que se baseia na relação existente entre a paisagem e o turista observador.

Para que uma paisagem natural possa ser devidamente captada e entendida pelo observador é necessário que o ser que observa utilize todos os seus sentidos, sendo eles

o olfato, o tato, a pressão, o gosto, entre outros. Cada sentido humano é responsável por coletar um tipo de informação da paisagem natural, além disso, as pessoas têm maneiras distintas de registrar as lembranças do que observaram em uma viagem, por exemplo, em um grupo de turistas que visitou uma praia, haverá pessoas que guardaram na memória o som do mar, o gosto da água salgada, ou a sombra de uma árvore na areia. Dessa forma, é importante deixar o turista à vontade para se deslocar, apreciar e descobrir a paisagem natural. É necessário tempo para que o visitante consiga formular em seu cérebro, uma imagem completa, captada através dos sentidos. Boullón (2002, p. 155) destaca ainda que:

Se o observador, motivado pela informação que já tinha e pela que está recebendo no próprio lugar, consegue controlar sua atenção, é possível que, espontaneamente, sua memória participe e aporte “imagens-lembranças” de algum outro lugar conhecido para que, ao compará-las com o que está vendo, possa estabelecer semelhanças e diferenças que enriqueçam as imagens que está elaborando.

## **6. AS FORMAS DE VER O TURISTA**

O viajante pode ser classificado, segundo Boullón, de acordo com sua interação no local visitado, ou seja, se ele estiver fora da paisagem natural apenas observando-a ele pode ser considerado como um turista espectador. Esse tipo de turista encontra-se geralmente dentro de um carro olhando a paisagem que passa correndo do lado de fora da janela, ou seja, ele interage de forma passiva com a paisagem natural. Mas existem dois tipos de turistas que interagem com a natureza, o turista agente e o turista agente-observador. O dois tipos de turista se inserem na paisagem através da prática de um esporte, o segundo tipo também se insere na paisagem com a prática de esporte, mas a diferença está na maneira que esse esportista se sente em relação à natureza. O turista agente não concentra sua atenção na paisagem e sim no esporte que está praticando e o turista agente-observador sente-se parte integrante da paisagem. Boullón (2002, p. 161) defende que:

O turista agente e o turista agente-observador costumam ser pessoas que têm experiência ou conhecimento da paisagem natural prévios à realização de uma viagem e, embora necessitem de informação, ainda que esta não se encontre ao alcance da mão eles sabem como procurá-la.

Para a promoção de um destino natural é necessário ter o conhecimento do perfil do consumidor desse tipo de produto, como vimos anteriormente nos tipos de

turistas, feito isso, é preciso analisar quais as informações importantes a serem repassadas aos turistas e como ela chegará até eles. Boullón (2002, p. 162) reforça ainda que “[...] é preciso produzir uma informação descritiva para que os turistas possam compreender a paisagem [...]”.

Mas deve-se ter cuidado com a promoção excessiva de um terminado destino natural, pois em alguns casos a visitação massiva pode provocar um desequilíbrio ecológico e, dessa forma, ocorrer a degradação permanente do atrativo natural. Com o intuito de manter os patrimônios naturais explorados turisticamente é criado o limite da capacidade da paisagem natural. Para manter a sustentabilidade dessa natureza é utilizado, segundo Boullón, o cálculo da capacidade da paisagem. Essa capacidade, segundo o referido autor (2002, p. 173), “[...] deve ser calculada mediante a aplicação do conceito de distância pessoal ou bolha ecológica”. Para Boullón (2002, p. 176) “[...] a bolha ou a distância pessoal apresenta dois tipo de relação, a saber: homem-homem e homem-ambiente”. Em cada tipo de paisagem existe um tipo diferente de capacidade, a capacidade material, psicológica e ecológica. A primeira, segundo Boullón (2002, p. 177), “[...] refere-se às condições de qualquer superfície de água ou terra e é determinada em função de suas características [...]”, A capacidade psicológica, segundo o mesmo autor (2002, p. 179), “[...] refere-se ao número de visitantes simultâneos que uma área natural pode acolher, permitindo a todos obter uma experiência satisfatória”. E para a última capacidade, Boullón (2002, p. 179) diz que “[...] refere-se à quantidade de dias por ano, ao número de visitantes simultâneos e à rotatividade diária que uma área pode absorver sem que seu equilíbrio ecológico seja alterado”. Além disso, o mesmo autor ressalta que (2002, p. 182):

Em um caso concreto, o cálculo da capacidade é obtido mediante a divisão da área que será utilizada turisticamente pelo padrão resultante da média das necessidades de cada capacidade, que a natureza do problema aconselha aplicar. A fórmula é a seguinte: Capacidade = dimensão / padrão.

Em seguida, é necessário calcular o número total de visitas diárias: total de visitas diárias X coeficiente de rotatividade. Boullón (2002, p. 182) explica que “[...] o coeficiente de rotatividade é determinado mediante a divisão do número de horas diárias que o lugar está habilitado para ser visitado pelo tempo médio que dura uma visita, de acordo com a seguinte expressão: coeficiente de rotatividade = tempo de abertura do serviço / tempo médio de uma visita”.

## 7. RESULTADOS OBTIDOS

A cidade de Santa Maria está localizada na Região Central, caracterizada, pela SETUR, por apresentar “cenários que compõem a depressão central, plana, recortada por coxilhas” onde se pode usufruir de mirantes que nos brindam com vistas magníficas.

Considerando as teorias expostas anteriormente, buscamos em Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil, os atrativos naturais que ilustram de forma adequada as características paisagísticas ressaltadas.

Através de um levantamento fotográfico relacionamos as figuras a seguir:



**Figura 1:** vista parcial da paisagem de morros de Santa Maria

**Fonte:** do acervo pessoal de Carolina Weich e Letícia Indart Franzen.



**Figura 2:** vista parcial da Rua Doutor Bozano

**Fonte:** do acervo pessoal de Carolina Weich e Letícia Indart Franzen.

A figura 1 representa um espaço natural, pois podemos ver que não há intervenção do ser humano através de construções civis, como prédios, postes de luz, pontes e etc. Já a figura 2 mostra exatamente o contrário, podemos ver a Rua Dr.

Bozano asfaltada, com vários carros estacionados ao longo dela, com prédios e casas e há poucas árvores, representando assim o espaço urbano.

Dentro do espaço turístico natural podemos encontrar o espaço natural adaptado. É o que podemos ver na figura 3, moradoras de Santa Maria plantando rosas em uma propriedade localizada na Estrada do Perau, um dos atrativos turísticos naturais de Santa Maria. Além disso, pode ser encontrado o espaço natural virgem como podemos ver na foto 3.1, a seguir.



**Figura 3:** Visitantes em uma propriedade privada localizada na Estrada do Perau

**Fonte:** do acervo pessoal de Carolina Weich e Letícia Indart Franzen.



**Figura 3.1:** vista parcial dos morros que cercam a região central do Rio Grande do Sul

**Fonte:** do acervo pessoal de Carolina Weich e Letícia Indart Franzen.

A relação do turista com a paisagem natural pode ser vista através da figura 4, onde o observador está inteiramente ligado à paisagem, a prova disso é que não está prestando atenção na foto que foi tirada. O turista em questão dedicou parte do tempo de sua viagem para simplesmente observar.



**Figura 4:** vista parcial dos morros que cercam a Estrada do Perau  
**Fonte:** do acervo pessoal de Carolina Weich e Letícia Indart Franzen.

Segundo Boullón, a paisagem pode ser classificada em homogênea, e heterogênea, como vimos anteriormente, cuja representação encontra-se respectivamente nas figuras 5 e 6, a seguir:



**Figura 5:** Cachoeira localizada na Quarta Colônia (região central do RS)  
**Fonte:** do acervo pessoal de Carolina Weich e Letícia Indart Franzen.



**Figura 6:** vista parcial do distrito de Vale Vêneto, cidade de São João do Polêsine, Região Central/RS

**Fonte:** do acervo pessoal de Carolina Weich e Letícia Indart Franzen.

Entre os tipos de turista foi destacado o turista espectador, aquele que está olhando pela janela do carro na figura 7, o turista agente, aqueles que estão fazendo uma

caminha em uma trilha na figura 8 e o turista agente-espectador, aquele que na figura 9, retratadas a seguir:



**Figura 7:** turista dentro do carro se dirigindo para a Quarta Colônia, região central do RS.

**Fonte:** do acervo pessoal de Carolina Weich e Letícia Indart Franzen.



**Figura 8:** visitantes numa das trilhas da Quarta Colônia

**Fonte:** do acervo pessoal de Carolina Weich e Letícia Indart Franzen.



**Figura 9:** turista saltando de paraplaider no município de Agudo, Região Central/RS

**Fonte:** do acervo pessoal de Dilnéia Vanessa Wagner

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizarmos a análise das fotografias coletados, considerando o referencial teórico, podemos concluir que a cidade de Santa Maria e a região central do Rio Grande do Sul possuem uma quantidade considerável de tipos de Atrativos Turísticos Naturais. Porém, torna-se indispensável que haja tempo por parte do turista para a apreciação adequada desses atrativos só assim poderão captar aquilo que foi visto e “levar” consigo essas paisagens.

## **9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BOULLÓN, R. C., **Planejamento do Espaço Turístico**. Bauru SP: Editora EDUSC, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. 20ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: A pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

SECRETARIA DO TURISMO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. SETUR. Disponível em: <http://www.turismo.rs.gov.br/portal/index.php?q=destino&cod=3&opt> / Acessado em 01/05/2010.